

YUYUTENGIAN TORONG TORO

CULTURA ARTÍSTICA

Mantenedores e Amigos da Toradze Piano Solista Sociedade de Cultura Artística

temporada —2002—

Mantenedores

Affonso Celso Pastore Agência Estado Alain J. Costilhes Alberto Martins Alberto Soares de Almeida Alexandre Fix Alfredo Rizkallah Aluizio Rebello de Araújo Álvaro Luiz Fleury Malheiros Antonio Carlos de Araújo Cintra Antonio Correa Meyer Antonio Hermann D. M. de Azevedo Arsenio Negro Jr. Beatriz Botelho Hime Bruno Licht Carlos J. Rauscher Carlos Nehring Neto Cláudio Alberto Cury Cláudio Thomaz Lobo Sonder Eduardo Brenner Erico Stickel Fabio de Campos Lilla Felipe Arno Fernando Carramaschi George Gerard Arnhold Gérard Loeb Gian Carlo Gasperini Henrique Brenner Henrique Fix Israel Vainboim Jayme Blay Jayme Sverner Jorge Diamant José e Priscila Goldenberg José Carlos Moraes de Abreu José E. Mindlin José Luis de Freitas Valle José M. Martinez Zaragoza José M. Pinheiro Neto

José Roberto Opice Lucília Diniz Luis Stuhlberger Luiz Rodrigues Corvo Luiz Villares Maria de Lourdes A. Machado Maria Prudência de V. Resende Mario Arthur Adler Mauris Warchaychik Michael e Alina Perlman Minidi Pedroso Nelson Nerv Jr. Nelson Zuanella Oscar Vicente Ferro Oswaldo Daunt Salles do Amaral - In Memorian Plínio José Marafon Redegas Natural Ricardo Augusto Gallo Roberto e Yara Baumgart Rosa Maria Z. Rinzler Ruy e Célia Korbvicher Sérgio Almeida de Oliveira Tales P. Carvalho Thomas Michael Lanz Vavy Pacheco Borges Wolfgang Knapp 1 Mantenedor anônimo

Amigos

Alberto Emanuel Whitaker Alexandre Rauscher Alice Alves de Lima Amélia de Giacomo Ana Maria L. V. Igel Anna Maria Tuma Zacharias André Jum Yassuda André Luiz Shinii Havata Andrea Sandro Calabi Angelo Franchini Neto Antonio Carlos Pereira Antonio Roque Citadini Arnold Wald Bruno Musatti BVDA / Brasil Verde Design Carla Milano Carlos P. Rauscher Centauro Equip. de Cinema e Teatro Claudia Lorch Cláudio Halaban Dario Chebel Labaki Neto David Casemiro Moreira **Domingos Durant** Dora Halaban

Doris Alexander Edith Ranzini Edson Eidi Kumagai Eduardo L. P. R. de Almeida Eduardo e Lina Wurzman Eduardo M. Zobaran Eduardo Telles Pereira Elio Sacco Elisa Wolinec Enzio Abruzzini **Ester Zemel Ezequiel Dutra** Fábio Konder Comparato Felipe e Hilda Wroblenski Fernando K. Lottemberg Fernão Carlos B. Bracher Francisco H. de Abreu Maffei George Longo Gerry Lingfield Giovani Guido Cerri Graziela Lafer Galvão Gyorgy Böhn Hannelore Kersten Wolff - In Memorian Heinz Jorg Gruber Heloisa Lourdes Alves Motta Heraldo Luis Marin Hilda Mayer Horácio Leirner Horácio Mário Kleinman Isabel Sobral Jacques Siekierski Jairo Cupertino Jenny Musatti Kalil Cury Filho João Baptista Raimo Jr. Lea Regina Caffaro Terra Lena Strumpf Leon Reitzfeld Leopoldina de Faria Ribeiro

Lia Fukui

Lilia Salomão

Marcello Franco

Livraria Cultura Editora

Lucila Pires Evangelista

Marcelo e Rita Secaff

Maria Angeles Fanta

Maria Cláudia Viana

Maria Helena A. Lins

Marta D. Grostein

Maria Tereza Gasparian

Maria Carolina Brando

Maria Cristina Viana Kuntz

Mário Higino N. M. Leonel

Martha E. de Souza Queiroz

Michelle Luigi Pennavaria

Miguy Azevedo Mattos Pimenta Milu Villela Morvan Figueiredo de Paula e Silva Nelson Vieira Barreira Olga Tieppo Oscar Lafer **Paulo Tomas Diamant** Rafael Jordão Mota Vecchiatti **RCS Corporate Finance** Regina Benna Zemel Regina Sverner Regina Weinberg Ricardo Feltre Rita de Cássia Caruso Cury Roberto Bumagny Roberto Calvo Roberto Mehler Rubens Halaban **Rubens Muskat** Rui Fontana Lopez Ruy Souza e Silva Seiko Sato Sérgio Leal Carvalho Guerreiro Silvio Meverhof Tamas Makray Tarcísio V. Ramos Thomas Farkas Ulysses P. Eduardo Jr. Walter Ceneviva Wilson Carmignani 19 Amigos anônimos

Lista atualizada em 14/10/2002

temporada 2002





Orquestra Filarmônica de Dresden

Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden

Roderich Kreile

Regência





Quarteto Beethoven di Roma

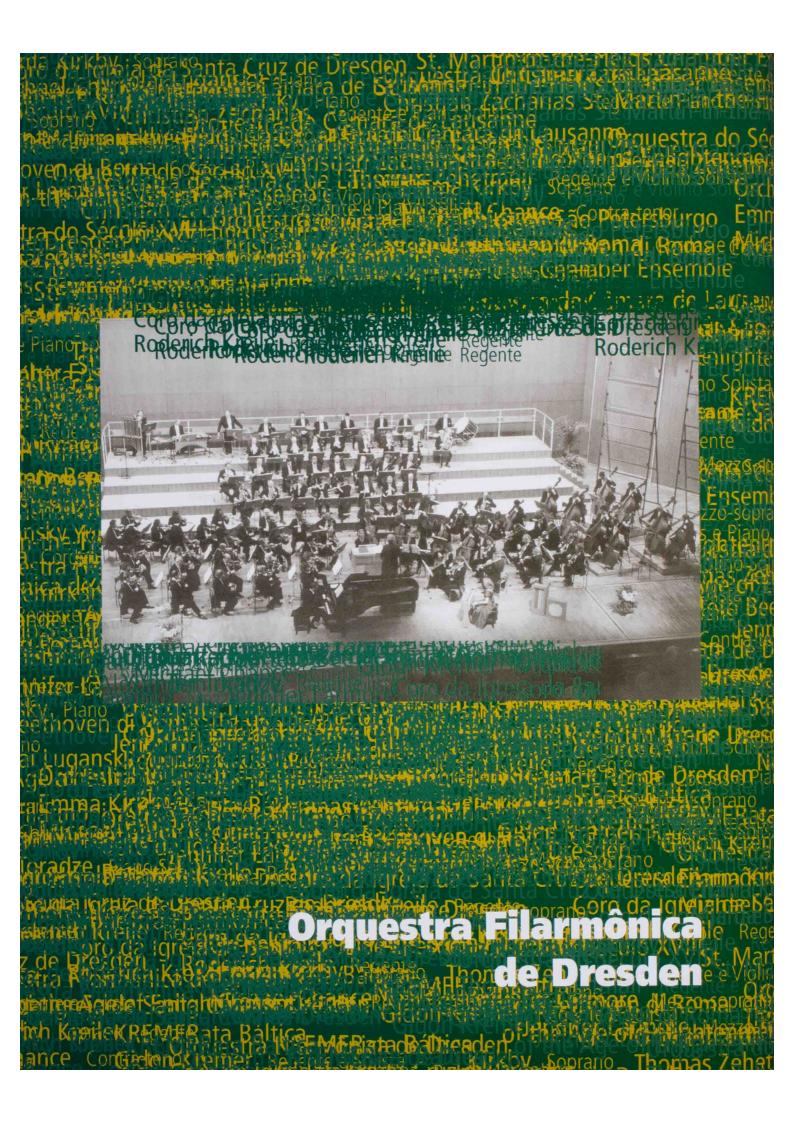
patrocinio











de Dresden a Cruz de Dresden

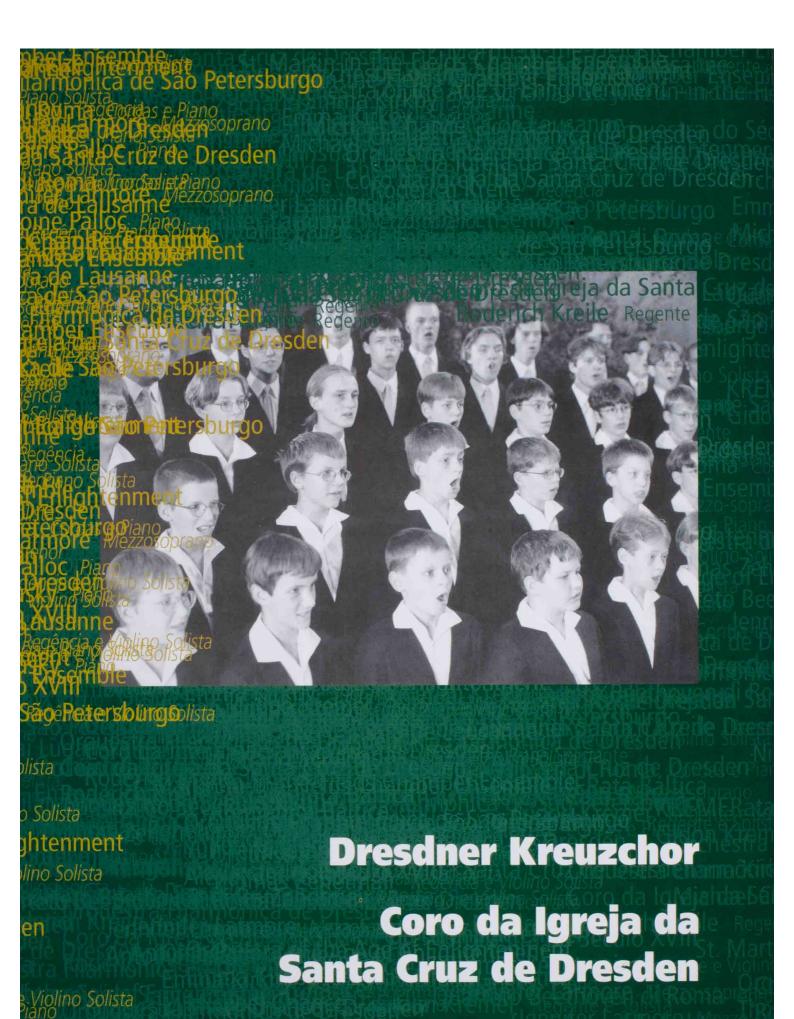
As origens da Orquestra Filarmônica de Dresden remontam ao ano de 1870, quando da inauguração da primeira sala de concertos na cidade, acontecimento que permitiria também ao público comum ter acesso à música chamada erudita, até então restrita aos salões da aristocracia. A partir de 1885 o conjunto passou a apresentar-se regularmente em Dresden e em 1915 recebeu a designação que conserva até hoje.

Os oitenta concertos anuais que a Orquestra apresenta no *Kulturpalast* de Dresden fizeram dela o grande destaque da vida cultural da cidade e vêm atraindo milhares e milhares de moradores e visitantes àquela que é conhecida como a Florença do Elba. Além das temporadas anuais de concertos em sua cidade-sede, a Filarmônica de Dresden vem-se apresentando regularmente em algumas das mais importantes salas de música do mundo, durante turnês que têm levado o conjunto a inúmeras cidades alemãs, a vários países da Europa, a Israel, a países da América do Sul e a diversas cidades dos Estados Unidos.

A Orquestra Filarmônica de Dresden já recebeu em seu pódio, como Regentes Convidados, grandes compositores – como Brahms, Tchaikovsky, Dvorák e Richard Strauss, que regeram o conjunto em execuções de obras de sua autoria – e também alguns dos mais renomados maestros de todos os tempos, como Hans von Bülow, Anton Rubinstein, Bruno Walter, Fritz Busch, Arthur Nikisch, Hermann Scherchen, Erich Kleiber, Willem Mengelberg, Otto Klemperer, Karl Ancerl, Vaclav Neumann, Seiji Ozawa e Klaus Tennstedt.

Quanto aos solistas que já colaboraram com a Orquestra, destacam-se, dentre outros, Emil Gilels, Wilhelm Kempff, Elly Ney, Gidon Kremer, Ruggiero Ricci, Henryk Szeryng, Pierre Fournier, Mstislav Rostropovitch, Aurèle Nicolet, Maurice André, Bruno Leonardo Gelber, Rudolf Buchbinder, Frank Peter Zimmermann, Heinrich Schiff, Mischa Maisky e Christian Zacharias.

Dentre os músicos que já ocuparam a posição de Diretor Musical da Filarmônica de Dresden é impossível não lembrar os nomes de Paul van Kempen, Carl Schuricht, Heinz Bongartz, Horst Foerster, Kurt Masur, Günther Herbig, Herbert Kegel, Jörg-Peter Weigle e Michel Plasson, que liderou o conjunto de 1994 a 1999. Marek Janowski é Regente Titular e Diretor Artístico da Orquestra Filarmônica de Dresden desde 2001.



ia e Violino Solista

Lausanne Lau

THE THE STATE OF THE PROPERTY OF THE PROPERTY

resden

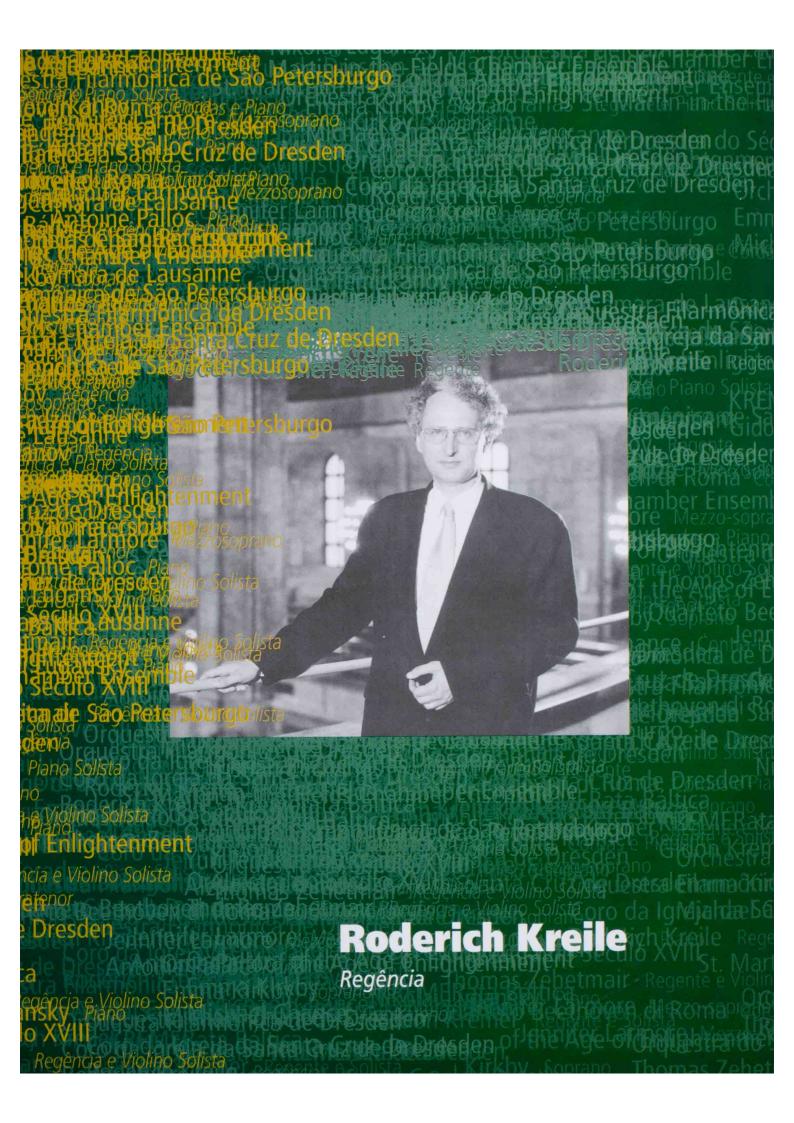
O Dresdner Kreuzchor, Coro de Meninos da Kreuzkirche (Igreja da Santa Cruz), é tão conhecido quanto a própria cidade de Dresden. Sua participação nos serviços dominicais da Kreuzkirche e os numerosos concertos que realiza anualmente são pontos altos da vida religiosa e cultural da região da Saxônia. A história do Coro abarca cerca de setecentos anos, o que o transforma em um dos mais antigos coros de meninos da Alemanha e faz do conjunto a primeira organização musical de Dresden.

Designado inicialmente de *Capella Sanctae Crucis*, por pertencer à Igreja da Santa Cruz, desde meados do século XIV o *Dresdner Kreuzchor* vem mantendo a tradição medieval do canto litúrgico masculino. Em sua atual configuração, o Coro de Meninos da *Kreuzkirche* é composto por 150 garotos, cujas idades variam de nove a dezenove anos e cujas vozes abrangem os registros de soprano, contralto, tenor e baixo.

Embora o *Kreuzchor* tenha sido criado para dar suporte musical às atividades litúrgicas da Igreja da Santa Cruz de Dresden, característica que mantém até os dias de hoje, o conjunto desenvolve ainda intensas atividades concertísticas. Presença constante em inúmeras igrejas e salas de concerto da Alemanha, bem como na rádio e na televisão alemãs, o Coro de Meninos da *Kreuzkirche* tem sido aclamado também pelo público e pela crítica especializada de quase todos os países da Europa, dos Estados Unidos, do Japão e de Israel. Por seu talento individual, diversos membros do Coro têm sido convidados a atuar como solistas em grandes casas internacionais de ópera, em obras como *Tosca* e *A Flauta Mágica*.

O repertório do conjunto abriga obras de Heinrich Schütz, notável compositor do início do Barroco e que foi Diretor Musical da Corte de Dresden no século XVII, as Paixões, os Motetos e as Cantatas de Bach, composições de ex-Diretores do conjunto e diversas obras contemporâneas. No entanto, o repertório do Coro de Meninos da *Kreuzkirche* não é formado apenas de música sacra, já que os garotos cantam também música erudita secular e canções folclóricas, bem como apresentam-se freqüentemente em peças corais-sinfônicas com as duas principais orquestras da cidade-sede do grupo – a Orquestra do Estado da Saxônia e a Orquestra Filarmônica de Dresden.

O sucesso e a fama do *Kreuzchor* não se devem apenas à excepcional sonoridade de seus meninos cantores. Explicam-se também pelo trabalho cotidiano de ensaios, pelos estudos de canto e instrumentos que todo integrante do Coro recebe e pela dedicação de uma série de grandes Diretores e Regentes que atribuíram ao grupo suas admiráveis qualidades artísticas.



Nascido em 1956, formou-se em Música Sacra e Regência Coral em Munique. Era ainda estudante quando ingressou no Coro da *Christuskirche* de Munique, instituição cujos conjuntos corais foram a base sobre a qual Roderich Kreile desenvolveria suas atividades como regente de música litúrgica.

De 1988 a 1996 ensinou regência coral na Escola de Música de Munique e esteve à frente de dois corais universitários. Os anos em que trabalhou com esses conjuntos permitiram-lhe familiarizar-se com um vasto repertório, constituído de composições de todas as épocas da história da música, e deram-lhe a oportunidade de reger primeiras audições mundiais de diversas obras de valor.

Em 1994 Roderich Kreile passou a ensaiar também o Coro Filarmônico de Munique, o que o levou a colaborar com maestros como Gerd Albrecht, Sergiu Celibidache e Lorin Maazel. Como regente, organista e professor de Regência Coral, já ensinou e regeu na África do Sul, em Taiwan, nos Estados Unidos e em vários países europeus.

Roderich Kreile foi nomeado Diretor Musical do Dresdner Kreuzchor em janeiro de 1997.

Solistas

Ute Selbig Soprano

Primeiro-Soprano da Ópera Estatal de Dresden, Ute Selbig vem encantando o público e a crítica da Europa e dos Estados Unidos com sua voz radiante, sua notável musicalidade e sua grande força dramática. Artista regularmente convidada para participar dos Festivais de Salzburgo, Lucerna e Ludwigsburg, a cantora é também presença assídua em alguns dos mais prestigiosos palcos líricos do mundo, nos quais tem sido festejada sobretudo por sua leitura das heroínas de Mozart e Strauss, e desenvolve ainda intensas atividades como solista de concerto, território em que domina amplo repertório.

Dentre as orquestras com as quais já se apresentou destacam-se a Filarmônica de Nova Iorque, a Sinfônica de Chicago, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Dresden Staats-kapelle, a Filarmônica de Berlim, a Orchestre National de France e a Orchestre de la Suisse Romande. Colin Davis, Edoardo Müller, Christof Perick, Peter Schreier e Peter Schneider são alguns dos regentes com os quais Ute Selbig tem colaborado.

Susanna Moncayo von Hase Mezzosoprano

Ex-aluna de Régine Crespin, conquistou o Primeiro Prêmio do Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, em 1986. Agraciada com bolsa de estudos da *Fundación Antorchas* da Argentina e do Ministério das Relações Exteriores da Espanha, completou sua formação na Escola Superior de Canto de Madri, orientada por Ana Higueras e Femando Turina. Igualmente à vontade como intérprete de óperas, de oratórios e de música de câmara, a cantora temse apresentado na França (no *Théâtre des Champs-Elysées*, na *Salle Pleyel*, no *Centre Georges Pompidou* e na *Maison de la Radio*, em Paris), na Holanda (no *Concertgebouw* de Amsterdã), na Alemanha, na Suíça, na Bélgica, na Espanha, nos Estados Unidos e na Colômbia.

Dentre os compromissos recentes de Susanna Moncayo von Hase destacam-se sua aplaudida participação nas turnês da Orquestra Filarmônica do *Pays de la Loire* e da Orquestra Filarmônica de Cracóvia, interpretando árias de Mozart, e sua estréia no *Teatro Colón* de Buenos Aires, como *Siebel*, no *Fausto* de Gounod.

Johannes Chum Tenor

Nascido em Vorau, na Áustria, foi solista do mundialmente famoso conjunto Meninos Cantores de Viena. Formado em teologia e música, estudou *Lied* e canto com Kurt Equiluz, na *Wiener Musikschule*, e há mais de dez anos é professor de canto e prática de interpretação histórica na Escola de Música de Graz. Desde 1994 Johannes Chum vem-se apresentando em importantes teatros de ópera e salas de concerto da Europa e dos Estados Unidos, bem como tem participado de prestigiosos eventos musicais, como os Festivais de Salzburgo, Ludwigsburg, Lucerna e Flandres.

Dentre as orquestras e regentes com os quais o tenor já colaborou destacam-se a Filarmônica de Viena e nomes como os de Nikolaus Harnoncourt, Fabio Luisi, Roger Norrington e René Jacobs. Em 2000, no Festival de Salzburgo, alcançou grande sucesso como *Tamino*, de *A Flauta Mágica*, e em 2001 foi aplaudido como *Nero*, em *L'Incoronazione di Poppea*, na Ópera de Frankfurt, e como *Ataliba*, em *Cora*, de Naumann, regida por René Jacobs em Dresden e Halle.

Andreas Scheibner Baixo-barítono

Nascido em 1951, na cidade de Dresden, em criança estudou violino, participou de coros escolares e integrou, durante sete anos, o *Dresdner Kreuzchor*. Em 1968, depois de participar como jovem solista amador de uma gravação sob a batuta do compositor Hans Werner Henze, Andreas Scheibner decidiu tornar-se cantor profissional. Ingressou então na *Hochschule für Musik* de Dresden, onde se formou, e a partir de 1974 começou a cantar em importantes casas de ópera e salas de música da Alemanha.

Vencedor de prestigiosos concursos internacionais de canto, em 1987 foi agraciado com o título honorífico de *Kammersänger*. Artista que se mostra igualmente à vontade no *Lieder*, em óperas, na música de concerto e em oratórios, Andreas Scheibner tem-se apresentado ao lado de importantes orquestras, sob a regência de maestros como Colin Davis, Myung-Whun Chung, Ingo Metzmacher, Christoph Eschenbach, Bruno Weil, Christoph Prick, García Navarro, Peter Schreier e, ainda, do compositor e regente Luciano Berio.

Orquestra Filarmônica de Dresden

Marek Janowski Regente Titular e Diretor Artístico Yuri Temirkanov Regente Convidado Principal Kurt Masur Regente Honorário Olivier von Winterstein Intendente

Primeiros Violinos

Ralf-Carsten Brömsel Heike Janicke Wolfgang Hentrich Dalia Schmalenberg Kea Hohbach Siegfried Koegler Siegfried Rauschhardt Christoph Lindemann Jürgen Nollau Volker Karp Gerald Bayer Roland Eitrich Heide Schwarzbach Marcus Gottwald Ute Kelemen Antie Bräuning Johannes Groth Alexander Teichmann Annegret Teichmann Juliane Heinze

Segundos Violinos

Heiko Seifert
Christoph Polonek
Günther Naumann
Erik-Kornek
Dietmar Marzin
Reinhard Lohmann
Viola Marzin
Steffen Gaitzsch
Matthias Bettin
Andreas Hoene
Andrea Dittrich
Constanze Sandmann
Jörn Hettfleisch
Dorit Schwarz
Susanne Herberg

Violas

Christina Bíwank Hanno Felthaus Torsten Frank Beate Müller Steffen Seifert Gernot Zeller Lothar Fiebiger Wolfgang Haubold Holger Naumann Steffen Neumann Heiko Mürbe Hans-Burkart Henschke Andreas Kuhlmann Piotr Szumiel

Violoncelos

Matthias Bräutigam
Ulf Prelle
Victor Meister
Petra Willmann
Thomas Bäz
Frieder Gerstenberg
Wolfgang Bromberger
Friedhelm Rentzsch
Rainer Promnitz
Karl-Bernhard von Stumpff
Clemens Krieger
Daniel Thiele

Contrabaixos

Peter Krauß Kilian Forster Tobias Glöckler Berndt Fröhlich Norbert Schuster Bringfried Seifert Thilo Ermold Donatus Bergemann Matthias Bohrig Olaf Kindel

Flautas

Karin Hofmann Mareike Thrun Birgit Bromberger Götz Bammes Claudia Schmidt

Oboés

Volker Braun Johannes Pfeiffer Guido Titze Jens Prasse Michael Goldammer

Clarinetas

Hans-Detlef Löchner Fabian Dir Henry Philipp Dittmar Trebeljahr Klaus Jopp

Fagotes

Michael Lang Joachim Huschke Hans-Peter Steger Hans-Joachim Marx Mario Hendel

Trompas

Jörg Brückner Michael Schneider Friedrich Kettschau Volker Kaufmann Peter-Paul Graf Johannes Max Dietrich Schlät Carsten Gießmann

Trompetes

Christian Höcherl Andreas Jainz Csaba Kelemen Wolfgang Gerloff Roland Rudolph

Trombones

Joachim Franke Olaf Krumpfer Dietmar Pester

Tuba

Jörg Wachsmuth

Harpa

Nora Koch

Tímpanos e Percussão

Alexander Peter Karl Jungnickel Gerald Becher Axel Ramlow

Comitê de Administração

Günther Naumann Carsten Gießmann Thilo Ermold

Inspetor Matthias Albert

Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden Roderich Kreile Diretor Musical e Regente

Thomas Albrecht Stefan Bannert Lukas Bauer Christoph Bauermeister Stephan Becker Rico Berger Clemens Bosselmann Martin Brüstel Philipp Büttner Martin Dobrev Richard Drechsler Friedemann Eckert Sebastian Erdmann Klaus Fehse Georg Finger Christian Finsterbusch Richard Franke Gregor Freytag Max-Konrad Friedländer Johannes Fritzsch Igor Gania Frank Friedrich Gellrich Friedrich Gerhardt Benjamin Glaubitz Martin Golda Jonas Golde Denny Groß Michael Grziwa Martin Güldner Georg Güldner Christian Hacker Hermes Helfricht Fritz Herrmann Lukas Hofmann Conrad Höhne Christoph Hünecke Johannes Hupach Benjamin Huth Oliver Kaden Hans Kenschke Steven Klose Ilja Klug Christoph Knabe Paul Knüpfer Lukas Köpcke Thomas Krause Steve Küchler Sebastian Lav

Henri Lehmann

Christian Lutz Christoph Mann Cornelius Markert Jonas Materna Tom Matthies Tom Miller Georg Mogwitz Thomas Mogwitz Antonio Morejón-Caraballo Felix Morgner Robert Müller Franz-Xaver Neubert Till Neumeister Norman Paizano Johannes Park Georg Paul Philipp Polhardt Konrad Preuß Kai Preußker Matthias Rabe Samuel Rabe Marc Reinhard Christopher Renz Leo-Leonhard Reso Sören Richter Rvan Rönngvist Lutz Rössel Sean Bradley Roth Jakob Schenk Paul Schröer Michael Schultz Jan Schulze Maximilian Schulze Bernhard Sebastian Robert Seidel Philip Socher Claus Straßner Hieronymus Thiele Peter Vanselow Friedrich Voiat Friedemann Walther

Sebastian Wartig

Benjamin Werner

Jakob Zscheischler

Wolf-Georg Winkler

Rico Wenzel

Franz Woßlick

Administrador Uwe Grüner

Assistente do Coro Peter Kopp

Acompanhantes
Jörg Ledermüller
Johannes Löpmann
Marion Müller
Thomas Päßler
Martina Schellhorn
Beate Stolzenbach

Concertos Amarelos

22 de outubro, terça-feira, 21h

Johann Sebastian Bach (1685 – 1750)

Cantata Ich hatte viel Bekümmernis,
BWV.21

intervalo

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827) Missa em Dó maior, opus 86

> Kyrie Gloria Credo Sanctus – Osanna Benedictus – Osanna Agnus Dei – Dona

Concertos Vermelhos

23 de outubro, quarta-feira, 21h

Johann Sebastian Bach (1685 – 1750)

Moteto Jesu meine Freude, BWV.227

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791) Exultate, jubilate, K.165

> Allegro Andante Allegro

intervalo

Wolfgang Amadeus Mozart Requiem, K.626

I. Introitus: Requiem aeternam

II. Kyrie

III. Sequentia

1. Dies irae

2. Tuba mirum

3. Rex tremendae

4. Recordare

5. Confutatis

6. Lacrimosa

IV. Offertorium

1. Domine Jesu

2. Hostias

V. Sanctus

VI. Benedictus

VII. Agnus Dei

VIII. Communio: Lux aeterna

temporada 2002



Próximos Concertos

Teatro Cultura Artistica

Kremerata Báltica Gidon Kremer Regência e Violino Solista

5 de novembro, terça-feira Gustav Mahler Adágio da Sinfonia nº 10 Antonio Vivaldi / Astor Piazzolla As Oito Estações

11 de novembro, segunda-feira
Osvaldo Golijov Last Round
Alexander Wustin Pour Guidon
Georgs Pelecis Don't leave
Vladimir Mendelssohn Don Aldebarran
Antonio Vivaldi / Astor Piazzolla As Oito Estações

12 de novembro, terça-feira Peteris Vasks Música Dolorosa Karl Amadeus Hartmann Concerto Fúnebre George Enescu Octeto em Dó maior, opus 7



temporada -2002

abril 22, 23 e 24 Teatro Cultura Artística Nikolai Lugansky *Piano*

maio 13, 14 e 15 **Teatro Cultura Artística Orchestre de Chambre de Lausanne Christian Zacharias** *Regência e Piano Solista*

junho 3, 4 e 5 Teatro Cultura Artística Academy of St. Martin-in-the-Fields Chamber Ensemble

junho 25, 26 e 27 Teatro Cultura Artística Orquestra do Século XVIII Thomas Zehetmair Regência e Violino Solista

julho 1, 2 e 3 Teatro Cultura Artística Quarteto Beethoven de Roma Cordas e Piano

agosto 16 e 17 Sala São Paulo

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo Yuri Temirkanov Regência Alexander Toradze Piano Solista

agosto 22, 26 e 28 **Teatro Cultura Artística Jennifer Larmore** *Mezzosoprano* **Antoine Palloc** *Piano*

setembro 9, 10 e 11 Teatro Cultura Artística
Orchestra of the Age of Enlightenment
Emma Kirkby Soprano
Daniel Taylor Contratenor

outubro 22 e 23 Sala São Paulo

Orquestra Filarmônica de Dresden Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden Roderich Kreile *Regência*

novembro 5, 11 e 12 Teatro Cultura Artística Kremerata Báltica Gidon Kremer Regência e Violino Solista

Sociedade de Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196 Telefone (5511) 3256 0223 www.culturaartistica.com.br email: cultart@dialdata.com.br

Orguestra do dio Remali Roodaae Ciell amaber Ensemble Câmara de Lausax That monica de Sao Petersburgo

Insumación de Sao Petersburgo

Insumación de Presden

Insumación de Dresden

Insum

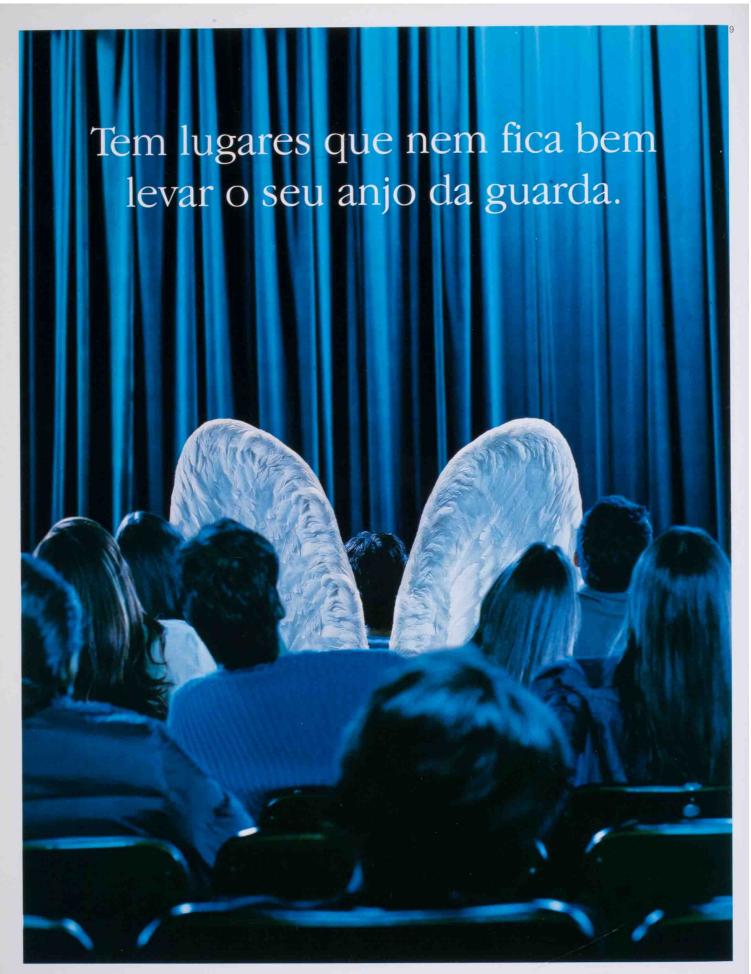
Agradecemos aos parceiros que nos prestigiaram nos últimos anos.

AFAA – Association Française d'Action Artistique American Express BankBoston Bovespa – Bolsa de Valores de São Paulo CBLC – Cia. Brasileira de Liquidação e Custódia Cigna Citibank Daimler Chrysler Eldorado FM

Fundação Japão Indústrias Votorantim Jornal O Estado de S. Paulo KPMG

Pechiney
Pinheiro Neto Advogados
Semp Toshiba
Telefonica
Unibanco – Prever
Volkswagen

WestLB Banco Europeu



Johann Sebastian Bach (1685 – 1750)

Cantata Ich hatte viel Bekümmernis, BWV.21 Moteto Jesu meine Freude, BWV.227

Disse J. A. Westrup: "Bach era um compositor prático. A maior parte de sua música foi escrita porque ela era necessária – para servir de material para a prática de seus alunos, para adicionar ao repertório de uma orquestra de estudantes, para celebrar um aniversário, um casamento ou um funeral, e para fornecer música ao principal serviço dominical da Igreja Luterana".

Foi levando em conta esta última necessidade que Bach compôs os seus vários ciclos de cantatas sacras, sobretudo durante os muitos anos em que trabalhou em Leipzig. Grosso modo, pode-se dizer que a cantata nasceu paralelamente à ópera, nos últimos anos do século XVI. Exatamente como aquele gênero destinado ao palco, a cantata tinha por objetivo dramatizar o discurso musical, utilizando para tanto o recitativo e a melodia acompanhada. Em contrapartida, por ser um tipo de expressão destinado à igreja, a cantata sacra naturalmente não fazia uso de cenários, de ação dramática e de figurinos.

Portanto, a cantata sacra contava a sua história de maneira mais espiritualizada, buscando o assunto para seus dramas nas Sagradas Escrituras. Na tradição da cantata sacra alemã da linha luterana, à qual Bach desde sempre se filiou, esse gênero procurava aliar, em um mesmo todo orgânico, passagens da Bíblia, poemas sacros de escritores variados e corais provenientes do hinário que o próprio Lutero reunira, tendo em vista a congregação protestante. Musicalmente, a cantata também era algo heterogêneo, na medida em que colocava em sucessão recitativos (narração e comentário da ação litúrgica), corais (a voz da congregação em face dos acontecimentos do cristianismo) e árias (manifestações dos sentimentos individuais).

A suprema genialidade de Bach evidenciase no seu poder de apropriação dessa fórmula, que ele elevou a alturas criativas até então inimaginadas. Seu gosto é revelado já na escolha dos textos, que encadeava com arguto senso dramático, responsável pela sensação do discurso fluido e como que escrito por um único poeta. Além disso, soube explorar, como ninquém, as várias formas musicais, unindo-as ora pela cor instrumental, ora pela exploração de motivos rítmico-melódicos aparentados, ora ainda pela escolha deliberada das tonalidades. Por fim, e de maneira também iniqualável, Bach soube tirar o máximo partido das sugestões dos textos, criando para eles uma música a um só tempo pertinente e inesperada, capaz de levar o ouvinte a uma multidão de emoções sutilmente nuançadas - seja ele cristão ou não. Pois a música de suas cantatas é sobretudo humana, e a sua alta inspiração nem de longe deixa suspeitar que, com freqüência, essas obras foram escritas velozmente, já que era preciso fornecer, a cada domingo festivo, uma nova partitura para o ofício religioso.

A Cantata *Ich hatte viel Bekümmernis*, BWV.21, destinada ao terceiro domingo depois da Trindade, foi executada pela primeira vez em 17 de junho de 1714, em Weimar, e repetida em Leipzig, em 13 de junho de 1733. Seu libreto é atribuído a Salomo Franck. Foi composta para soprano, tenor e baixo solistas, coro, oboés,

fagote, três trompetes, quatro trombones, tímpanos, cordas e baixo-contínuo. Ela se articula em duas grandes partes que congregam os seguintes movimentos: Parte I – sinfonia, coro, ária, recitativo, ária e coro; Parte II – recitativo, duo, coro (mais coral), ária e coro.

O texto dessa Cantata, de obediência pietista, fala da consolação trazida por Jesus à alma aflita que, então, sente-se tomada pela alegria. Na Parte I, toda escrita em tonalidades menores, é mostrada a aflição do fiel. Na Parte II, com a chegada de Jesus, que estabelece um diálogo com a alma, as cores tonais modulam para maior, simbolizando assim o júbilo do cristão. Do ponto de vista da forma, Bach olha para o passado dos velhos motetos, nas passagens corais, e emprega a linguagem moderna do seu presente, a da esfera operística, no duo e nas três árias.

O gênero moteto surgiu no século XIII, indicando a composição na qual uma linha vocal recebia um novo texto (mot – palavra). O moteto acompanhou o desenrolar dos fatos da História da Música Ocidental e, na época e na religião luterana de Bach, caracterizava-se por sua execução a capella, sem qualquer tipo de acompanhamento. Se a partitura fazia apelo a uma orquestra, os instrumentos tocavam colla parte, dobrando assim as vozes, a fim de dar a elas cor e projeção maiores. Então considerado já arcaico, o velho gênero não impediu que Bach nos deixasse dele alguns exemplares de extraordinária beleza, todos eles dos anos de Leipzig e destinados a cerimônias fúnebres.

Jesu meine Freude, BWV.227, é um moteto a capella destinado a coro de cinco vozes: primeiros e segundos sopranos, contraltos, tenores e baixos. Dois textos distintos são aí empregados de maneira alternada — o pertencente às estrofes do coral luterano de Johann Franck (1653) e o retirado dos versículos 1, 2, 9, 10 e 11 do oitavo capítulo da Epístola de São

Paulo aos Romanos. É possível que sua primeira execução tenha ocorrido em 1723.

Um equilíbrio perfeito caracteriza esse gigantesco Moteto em Mi menor. A extraordinária construção resulta, a um só tempo, da alternância das estrofes do velho coral de Franck e dos versículos da Epístola e, mais, do plano estabelecido para a realização musical de cada parte. São onze as seções da partitura, abrindose e se encerrando sobre o velho coral harmonizado com simplicidade. Bem em seu centro há a complexa coroa de uma fuga em Sol maior.

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827) Missa em Dó maior, opus 86

Livre-pensador libertário, Beethoven quase não compôs obras destinadas ao culto religioso. A Missa em Dó maior, opus 86, é, na verdade, a única que, por suas dimensões relativamente modestas (quando comparada à gigantesca Missa Solemnis), pode ser empregada na liturgia católica. Ela foi encomendada ao artista pelo príncipe Nikolaus II de Esterhazy, o tradicional patrão de Joseph Haydn. O aristocrata costumava comemorar o aniversário da mulher, Marie Hermenegild, com grandes festividades precedidas de um serviço solene, no qual se ouvia uma nova missa, composta especialmente para a ocasião. O próprio Haydn já tinha composto seis delas para a data.

A Missa em Dó maior foi apresentada pela primeira vez na propriedade principesca no dia 13 de setembro de 1807, dirigida pelo autor. Segundo o relato nem sempre confiável de Schindler, Beethoven teria se desentendido com Nikolaus, a ponto de abandonar o castelo às pressas. O fato é que o príncipe não apreciou o trabalho do músico, porque, logo depois, diria em carta à amiga condessa Henriette Zielenska: "A missa de Beethoven é insuportavelmente ridícula e detestável. (...) Estou encolerizado e envergonhado".

Ao fazer editar a obra, em 1812, o autor acabou por dedicá-la ao príncipe Kinsky, um de seus mais assíduos colaboradores. Na casa editora Breitkopf & Härtel, a partitura não foi vista com entusiasmo, o que levou Beethoven a escrever a seu diretor: "Creio ter tratado o texto como raramente isso foi feito". E, na medida em que a compreensão das palavras parecia-lhe essencial, exigiu que a obra fosse impressa e cantada não em latim, como era a norma, mas em alemão. Assim, quando certas palavras são repetidas isso não é feito levando em conta o desenrolar musical, e sim o desejo de carregá-las de um novo e destacado sentido.

No Kyrie inicial, Beethoven começa por estabelecer uma atmosfera eclesiástica, antes de se embrenhar pela amplidão do discurso sinfônico. Partindo da tonalidade de base, Dó maior, ele alcança o relativamente longínquo Mi maior no Christe.

O Gloria que vem em seguida foi concebido em três partes (vivo – lento – vivo), à maneira tradicional. No Allegro con brio, o coro domina para, depois, responder febrilmente ao tenor solo. Uma lembrança das lições do professor Haydn aparece no Andante mosso central, ao tratar o Miserere como refrão coral. No Allegro non troppo de encerramento tem-se uma vasta fuga, também bastante haydniana.

O Credo, igualmente em três partes, é particularmente original no tratamento do texto. Aí, a cada elemento da palavra litúrgica corresponde uma idéia musical bem precisa, sendo a unidade fornecida por um elemento rítmico repetido nos graves. A alta voltagem dramática e a presença do quarteto vocal solista dão um colorido expressivo todo especial à essa seção.

O impositivo Sanctus opõe os instrumentos de sopros às vozes para, depois, fazê-las serem acompanhadas apenas pelos tímbales. Segue-se o Benedictus, entoado pelo quarteto vocal a capella. E, depois de um pungente Agnus Dei em Dó menor, um solo de clarinete con-

Revista CONCERTO. A boa música mais perto de você.

Assinaturas tel. (11) 5535-5518 www.concerto.com.br

CONCERTO

GIUA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

duz ao final da Missa, cujo brilho é repentinamente interrompido pelo retorno pouco ortodoxo às palavras *Miserere nobis*, esboçando, para concluir, uma breve evocação do *Kyrie* e do seu clima de prece fervorosa.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791) Exultate, jubilate, K.165

Mozart tinha apenas 16 anos quando escreveu o moteto *Exsultate, jubilate*, K.165, na tonalidade de Fá maior, para o *castrato* (ou "sopranista") Venanzio Rauzzine, que também tinha um dos papéis principais em sua ópera *Lucio Silla*. Para Leopold, pai de Wolfgang, o cantor era dono de "uma voz de anjo". O compositor também o admirava de maneira incondicional. Assim, não espanta o fato de o músico ter concebido para ele, e em alguns poucos dias, essa obra sacra vistosamente virtuosística.

Isso aconteceu durante a terceira viagem que Mozart fez à Itália, mais exatamente em Milão, em janeiro de 1773, onde então o compositor fazia sucesso com sua música jovem, brilhante e cheia de vida. A nova obra foi destinada a voz aguda solista e orquestra, que compreende cordas, oboés, trompas e órgão. (Alguns anos depois, já em Salzburgo, o autor reviu a partitura, adicionando a ela uma parte de flauta).

Exultate, jubilate adota a forma do moteto definida em obra teórica de Quantz, de 1752: a de uma cantata em três movimentos – lembrando por isso o recorte de uma sinfonia italiana –, com um recitativo secco a ligar os primeiros dois movimentos.

O primeiro movimento, um vivaz Allegro, faz um convite às "almas abençoadas" para que estas exultem, com júbilo, por meio de "doces cânticos", as belezas da Criação. No recitativo que se segue, tem-se a evocação dessa "Amiga de Deus", a Virgem, capaz de dispersar as nuvens das trevas e de anunciar "a aurora feliz dos afortunados". A Ela os fiéis devem oferecer bra-

çadas de lírios. O segundo movimento, um *Andante* em Lá maior, é uma ária a um só tempo delicada e calorosamente expressiva. Mozart aí emprega todo o seu léxico relativo à ternura e ao desejo de apaziguamento, de consolação, "lá, onde um coração suspira". O movimento final, um novo *Allegro*, é o muito conhecido *Alleluia*, no qual Mozart dá rédeas soltas à sua lendária invenção melódica. Concebido à maneira de um rondó em espírito popular, ele anuncia de maneira triunfal – através de lindas e acrobáticas passagens entregues à voz – o júbilo que toma a alma do fiel por inteiro.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791) Requiem, K.626

Verdades e fantasias se mesclam em torno da composição do *Requiem* de Mozart, ofício fúnebre que ele deixou inacabado. Encomenda feita por um aristocrata que desejou ficar no anonimato, essa missa fúnebre foi, de fato, a última obra sobre a qual o autor se debruçou, antes de sua morte prematura, ocorrida em 5 de dezembro de 1791.

Ainda que, em algumas partes, o especialista possa sentir a mão canhestra de Süssmeyer, discípulo do compositor que completou a partitura, não há como negar: o *Requiem* em Rémenor é obra impressionante, de grande expressividade. Suas melodias, ora líricas, ora austeras e dramáticas, são frutos de um Classicismo em seu momento de maior apogeu. Facilmente memorizáveis, cativam o ouvinte à primeira audição, graças a seu efetivo poder de convicção, de refletir, emotivamente, o espírito transcendental do texto.

Quando tratadas em contraponto, essas melodias acabam por fazer referências ao universo da música já então passada, a barroca, no seu gosto pela construção polifônica, de trama intrincada. A harmonia, concebida em tons menores – recurso dramático para acentuar o caráter solene do discurso –, centra-se na noção clara da tonalidade, que, aqui e ali, privilegia o colorido das dissonâncias sabiamente dispostas.

Os movimentos da obra foram ordenados de maneira a acentuar os contrastes de expressão, a fim de que ela pudesse ser percebida, em seu todo, como um grande painel de emoções entrecruzadas. A tonalidade básica, Ré menor, passa, em cinco partes, para regiões tonais aparentadas: Si bemol, no *Tuba mirum*, Fá maior, no *Recordare*, Lá menor, no *Confutatis*, Sol menor no *Domine Jesu* e Mi bemol, no *Hostias*. Isso acaba por conferir à partitura uma pungente variedade tonal, em que se sucedem visões confrangidas da morte e um sentimento de recolhida aceitação final. Ela também pode ser vista como um patético hino à extinção do corpo e de louvação à eternidade do espírito.

Igualmente a orquestração reflete, em seus tons sombrios, o caráter da partitura: nela não são empregados oboés, clarinetas e trompas. Às cordas juntam-se apenas dois cors de basset (espécie de clarineta grave, ou clarone, de invenção então recente), dois fagotes, três trombones, dois trompetes, tímpanos e órgão. Tendo em mãos essa paleta sonora de coloridos fortes, Mozart sobrepôs a ela as vozes dos solistas e do coro, criando assim um vasto painel de enorme força de impacto. É impossível ficar impassível diante desse profundo drama que nos é oferecido à maneira de uma sagrada despedida.

Edição Rui Fontana Lopez
Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto de Almeida
Fotos Matthias Krüger (Maestro e Coro)
Textos sobre compositores Sociedade de Cultura Artística
Tradução Eduardo Brandão
Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde
Fotolitos e impressão OESP Gráfica



V Votorantim

www.votorantim.com.br

Governo do Estado de São Paulo

Governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin

Secretário de Estado da Cultura Marcos Mendonça

FICHA TÉCNICA

Sala São Paulo

Diretor Artístico John Neschling

Diretor Artístico Adjunto Roberto Minczuk

Diretora Administrativa Rita Okamura

Coordenação Administrativa João Mário Gomes Pego

Relações Externas e Comunicação Mauren Stieven

Coordenação de Monitoria Janaina Guerreiro

Coordenação de Produção Christiane Vianna Calil

Coordenação de Bilheteria Glória Marangoni

Coordenação Técnica Paulo Gomes

Coordenação de Indicadores/ Conservação da Sala Maria Teresa Ferreira







Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.







